

Cheryl Holt

MAIS FORTE
QUE O DESEJO

Tradução
Maria Ponce de Leão

*Quinta Essência**

1

SALISBURY, INGLATERRA, 1813

Lady Olivia Hopkins pôs-se em bicos de pés para chegar à prateleira da estante e puxou com força o pesado livro que estava decidida a ler. O mesmo soltou-se ruidosamente como se não o tivessem retirado do sítio há muitos anos. O grosso volume caiu na sua direção e quase lhe escapou das mãos.

Apertando-o contra o peito, levou-o até uma mesa próxima onde o pousou. A capa era de um vermelho-escuro e o título, *Um Festim Para os Sentidos*, destacava-se em letras floreadas a ouro que evocavam a antiguidade. Abriu-o cuidadosamente, a velha encadernação rangeu e um cheiro a pó e a humidade fez-lhe cócegas no nariz.

Sentou-se numa cadeira confortável e virou a primeira página, mas ficou chocada com o que viu. Empalideceu e ergueu as sobrancelhas.

– Meu Deus! – murmurou na sala vazia, olhando rapidamente em volta, quase esperando que um dos criados de Lorde Salisbury ou a sua madrastra, Margaret, surgissem detrás dos reposteiros de veludo e a censurassem pela sua escapadela noturna.

Passara uma hora a estudar os trabalhos dos mestres italianos e antecipara mais do mesmo, mas o que tinha sob os olhos

não era uma referência educativa, nem uma monótona obra erudita que pudesse levar para o quarto, a fim de combater a insónia.

Na sua frente, dezenas de sereias preguiçavam num cenário rochoso, à beira-mar. O mais desconcertante era o facto de se parecerem com ela: magras, loiras e de olhos azuis. Arvoravam uma expressão serena, contente, as madeixas suaves flutuavam num mar azul-celeste e as pernas em forma de cauda de peixe ondulavam na espuma.

Já observara imagens de sereias, mas eram discretas e os corpos não revelavam nada que o observador não pudesse ver. Pelo contrário, aquelas eram... eram... Não conseguia encontrar uma descrição.

As criaturas míticas destinavam-se a surpreender. As posturas eram provocantes com os troncos expostos e as curvas perfeitamente delineadas. O artista anónimo denotava um fascínio especial pelos seios das mulheres, pois desenhara-os amorosamente, com grande minúcia, a fim de produzir um efeito espetacular. Mostrava-se obviamente intrigado, fascinado pelas imagens ousadas e ansioso por partilhar o seu encanto com os outros. Com um certo êxito, aliás.

Havia seios fartos, pequenos, redondos, pontiagudos, voluptuosos, de todos os tamanhos, formas e contornos. Os bicos desenhavam-se em matizes variados cor de pêssego e rosa, visíveis sobre a auréola escura.

Aos vinte e três anos, nunca vira os seios de uma mulher e, embora tentasse recordar-se, nem sequer estava certa de ter visto os seus, o que indubitavelmente devia ter feito. Embora fosse uma artista, conhecia muito pouco da anatomia humana. As suas investigações estéticas deviam tê-la incitado a estudar a questão nos seus aspetos mais íntimos, mas – na qualidade de formal e pudica filha de um falecido conde – não estava em posição de contratar um modelo para posar nu e não era o tipo de pessoa capaz de se colocar diante de um espelho e observar-se como

viera ao mundo. Por conseguinte, ignorava que aquela parte do corpo pudesse despertar um tal magnetismo e encanto.

Não conseguia desviar o olhar.

Embora desejasse sentir-se repugnada ou perturbada, tal não aconteceu. Na verdade, queria deixar de observar aquele espetáculo indecente, mas sentiu-se demasiado hipnotizada. Ordenava a si própria que fechasse o livro, mas não conseguia obedecer.

Passou o dedo sobre os atraentes montículos de carne e o gesto repercutiu-se com um peculiar e dramático impacto no seu físico. Os seus seios avolumaram-se com uma sensação de dor, os mamilos endureceram sob o tecido da camisa de noite e pareceu-lhe que os descobria pela primeira vez.

Distraidamente, apalpou um dos globos, avaliando a forma e o peso. O polegar aflorou inadvertidamente o bico endurecido e o gesto provocou uma série de sensações exóticas quase dolorosas. Deixou cair a mão como se tivesse sofrido uma queimadura e desviou os olhos, ruborizada.

Como é que um objeto tão simples como um livro podia revelar-se tão excitante? E porque reagia daquela maneira?

Desejosa de obter tréguas do estímulo, virou a página.

A imagem seguinte revelou-se pior – ou melhor, dependendo da perspetiva – e muito mais inquietante do que a primeira. Estendida numa rocha no meio de ondas revoltas, com as belas pernas mergulhadas na água, uma sereia exibia os seios desnudos, curvilíneos e pontiagudos.

Um homem estava ao lado dela. Um mortal extremamente sedutor, moreno, de olhos negros. Vestido com uma camisa e calças largas, parecia um marinheiro. As calças estavam rotas nos joelhos como se tivesse escapado de um naufrágio e sido açoitado pelas ondas. Mantinha-se por trás da sereia que estava nos seus braços, com o traseiro anichado entre as suas coxas musculosas.

As mãos dele agarravam-lhe os seios e os dedos apertavam-lhe os mamilos. A sereia fitava o céu tempestuoso com uma expressão de êxtase.

A cena despertou uma excitação selvagem e primitiva em Olivia. Ignorava que um homem pudesse fazer uma coisa daquelas a uma mulher e que ela pudesse gostar. Adivinhava instintivamente que se tratava do tipo de exploração obscura e embaraçosa a que um casal pudesse dedicar-se no leito conjugal e que uma virgem – como ela – jamais pudesse interrogar quem quer que fosse ou refletir sobre a mesma.

Assustada e desconcertada, pôs-se a folhear rapidamente o livro, observando as ilustrações.

Centenas de pinturas representavam animais lendários, na sua maioria mulheres. Ninfas brincavam sob uma cascata, elfos dançavam diante de uma fogueira, fadas espalhavam o seu poder mágico. Eram todas encantadoras, fazendo com que Olivia se detivesse a observar, sonhar e fantasiar. O homem misterioso surgia frequentemente no meio das criaturas fictícias que pareciam adorar essa presença viril no meio da sua assembleia feminina.

Tocavam-lhe com as mãos e as bocas, mas o objetivo específico dos gestos mantinha-se oculto e a natureza da sua conduta era demasiado surpreendente para que fosse divulgada.

Se Olivia casasse com o conde de Salisbury, Edward Paxton, era aquele o tipo de atividade que ele exigiria? Caso viesse a tornar-se sua noiva, insistiria para que adotasse outros comportamentos bizarros na intimidade?

Os homens e as mulheres praticavam aqueles atos? Se decidisse casar com o conde, ele exigiria uma tal devassidão? Jamais ousaria despir as roupas e exhibir-se na sua frente. E se fosse obrigada? Se ele solicitasse que se entregasse regularmente a tal lascívia?

Conseguiria aguentar um casamento desse género? Como não o fazer?

Sem aviso, uma sombra curvou-se sobre a página e ela franziu o sobrolho, confusa, incapaz de entender o significado.

– Que escolha interessante para uma leitura noturna – observou uma voz masculina ao seu lado. – É uma das minhas favoritas.

Olivia ficou paralisada.

Um homem entrara furtivamente na sala sem que desse pela sua presença, surpreendendo-a com os cabelos soltos e vestida apenas com uma camisa de noite e um roupão leve. Estava descalça.

Se soubesse que nem todos estavam deitados, jamais teria descido.

Quem era aquele homem? Se fosse o conde, morreria de vergonha! Caso não o fosse, tratava-se sem dúvida de alguém próximo dele para poder andar pela casa a uma hora tão tardia.

Como explicar o que fazia ali, a observar aquelas imagens lascivas?

Céus! E se tivesse arruinado as suas hipóteses de casamento com o conde, antes do início da visita? Margaret seria capaz de matá-la.

Aterrorizada, ergueu os olhos e pestanejou, surpreendida e estupefacta.

Pelo espaço de um segundo, acreditou que se tratava do homem que saltara das páginas para a vida. Contudo, era apenas um delírio da imaginação. Era muito parecido, mas não o mesmo indivíduo.

Era bonito, caso o termo pudesse aplicar-se a um homem, com cabelo negro e olhos azuis que brilhavam na penumbra. Tinha o cabelo curto na frente, mas comprido e atado na nuca. Era dotado de maçãs do rosto proeminentes, uma boca com covinhas que denotavam uma propensão a rir e cheirava a ar livre, tabaco e cavalos.

Uns anos mais velho que ela, era alto, com ombros largos, cintura fina e pernas esbeltas. Como Olivia estava sentada, era ele a dominar, mas não sentiu qualquer ameaça ou intimidação.

Um infame ter-se-ia aproveitado da situação, mas não se sentiu em risco. Embora parecesse um salafrário, estava convencida de que não se aproveitaria dela.

Tentou adivinhar de quem poderia tratar-se, mas era difícil. Estava vestido como um operário, camisa bege e calças castanhas, mas as roupas eram de bom corte e tecido de qualidade, provando que não se tratava de um criado. Por outro lado, não denotava o porte de um hóspede e o conde não convidara ninguém da sua família.

Se não era um empregado, um convidado ou um parente, quem era aquele homem? E como poderia arrancar-lhe a promessa de que jamais revelaria que a surpreendera a folhear aquele livro?

Tinha de montar uma estratégia para se livrar da situação e decidiu optar pelo ataque.

– Desculpe – disse. – Estava a falar comigo?

Fechou o livro calmamente, fingindo que não tinha notado nada de especial e fitou o intruso com uma expressão ousada, como se fosse seu hábito enfrentar desconhecidos a meio da noite, embora estivesse vestida com pouca roupa e a examinar uma obra indecente.

– Tinha-me esquecido que esse livro estava aqui – respondeu.

– Ainda usava calções da última vez que lhe peguei. Como deve calcular, achei-o muito interessante.

As recordações provocaram-lhe um riso rouco e sedutor que se repercutiu nela e a perturbou.

– Não é exatamente o tipo de informação que partilharia com outros – comentou Olivia, como se ela própria não tivesse analisado as ilustrações com uma ávida curiosidade.

– Gosta de ilustrações *eróticas*?

Eróticas... Pestanejou várias vezes. Nunca tinha ouvido aquela palavra que ecoou pela sala, parecendo carregada de um sabor que nunca provara e o som agradou-lhe. Evocava romance,

intriga, mistério – uma imensa perversidade! – bem como uma vida boémia de alegria e de excitação.

Qual o patife capaz de se aproximar de uma mulher que nunca lhe fora apresentada e pronunciar uma palavra tão deliciosamente escandalosa?

– Não faço ideia do que está a falar – alegou.

– Ilustrações eróticas – repetiu, movendo-se até ficar por trás da cadeira dela, bloqueando-a e destruindo todas as oportunidades de se lhe escapar. – Prefiro o estilo francês, mas o italiano também não é mau.

Inclinou-se, pousando as palmas da mão de cada um dos lados dela, de forma a aprisioná-la. Olivia nunca se vira tão próximo de um desconhecido. Habitava um mundo estéril, onde o contacto era proibido e evitado, tão acidental e esporádico que, de vez em quando, se sentia como se vivesse no interior de uma bolha.

Ignorava que atitude tomar. Embora soubesse que devia ter-se levantado, empurrá-lo e sair a toda a pressa da sala, não queria dar-lhe a impressão de se sentir com medo ou incomodada. E não podia afastar-se sem ficar tranquila em relação àquele inoportuno encontro.

Tinha de casar com o conde de Salisbury. Não lhe restava alternativa, dada a catastrófica situação financeira da família, mas nunca quisera casar. O seu querido pai sempre a havia mimado, permitindo que se dedicasse à arte e recusasse todas as propostas de casamento que recebera, um erro que Margaret lhe censurava permanentemente.

Caso ele se tivesse comportado como qualquer pai normal e sensato, Olivia estaria nessa altura casada com um rico aristocrata que sustentaria a família.

Sentia-se absurdamente irritada com o pai e o irmão por terem tido a ousadia de morrer, abandonando uma casa cheia de mulheres que haviam ficado alarmadas ao perceber que se encontravam à beira da ruína financeira.

Olivia via-se forçada a fazer um milagre, desencantando rapidamente um marido rico, embora não tivesse dote. A única solução residia em Lorde Salisbury, com estado de viúvo.

O plano de Margaret era muito simples: Olivia seduziria o conde, ele ficaria encantado, pedi-la-ia em casamento e ela aceitaria. Em seguida, Margaret informá-lo-ia de que Olivia não tinha dote, segura de que um cavalheiro não ia desistir após a proposta ter sido feita.

Em condições normais, a jovem não acederia a prestar-se a tal estratagem, mas partilhava a inquietação de Margaret, não por sua causa, mas devido à sua sobrinha, Helen, que tinha três anos e era a filha ilegítima que o irmão procriara antes de morrer. A mãe da criança, uma cozinheira, morrera ao dar à luz e, por conseguinte, Helen só tinha Olivia para zelar por ela e precisava de proteção.

Embora fosse bela como um anjo, Helen não falava nem se comportava como uma criança normal. Sofria de mutismo e de alheamento. Margaret considerava-a louca e atribuía essa loucura à sua ilegitimidade. Por esse motivo, escondia a miúda no berçário e poucas pessoas sabiam da sua existência.

Helen era a única parente de Olivia, o seu único laço ao que havia sido uma poderosa e famosa linhagem inglesa, a sua única ligação ao pai e ao irmão que amara.

A salvo na casa em Londres, Helen era outro segredo que teria de ser revelado depois de os planos de casamento se encontrarem a decorrer. Afinal, por que motivo se assustaria o pretendente a nível de demência na família quando a sua futura mulher podia gabar-se de uma linhagem irrepreensível?

Olivia protegeria Helen a qualquer custo, mesmo que tal significasse unir-se a um austero e maturo estranho e não seria aquele impertinente personagem que colocaria os seus planos em risco. Tinha de evitar que ele divulgasse histórias sobre as suas deambulações noturnas.

O homem estendeu a mão para o livro, voltou a abri-lo e revelou a ilustração de um xeque árabe rodeado do seu harém. Uma concubina escarranchava-se-lhe no regaço, oferecendo o seio que ele chupava como um bebê faria à mãe.

Olivia corou da ponta dos cabelos aos bicos dos pés.

– Realmente, *sir*... – balbuciou, incapaz de encontrar as palavras que traduzissem a sua indignação. – Está a abusar.

– É parecido comigo, não acha? – Mantinha-se muito próximo, com a face quase encostada à dela. Sentia o cheiro do sabonete com que se lavara, a goma da camisa e o pequeno corte que fizera ao barbear-se.

– De forma alguma. Ele é um bonito homem.

O insulto era uma mentira, pois aquele indivíduo era o homem mais elegante e atraente que conhecera e a sua proximidade perturbava-a.

O patife soltou uma gargalhada.

– Ah, *chérie*. Acho que gosta de mim.

– Não seja convencido – ripostou Olivia, olhando em frente para não correr o risco de se mexer e cruzar-se com os seus fascinantes olhos azuis.

– Prefere as ilustrações das mulheres ou as dos homens? Quais a excitam mais?

A pergunta incomodativa roubou-lhe a voz. Sentiu-se incapaz de responder-lhe à letra e ficou paralisada e sem fôlego quando ele pousou o polegar na página e acariciou o seio da concubina, descrevendo círculos e mais círculos em redor do mamilo. O gesto provocou-lhe um efeito estranho, como se estivesse a tocar no *próprio* seio de Olivia, e os mamilos reagiram.

Era possível que o peito de uma mulher fosse tão sensível? Como desconhcia, aos vinte e três anos, o que agora parecia tão vital? Os homens praticavam habitualmente aquele tipo de carícias? Tratava-se de um comportamento normal?

As interrogações febris assaltavam-lhe a mente e foi tomada por um sentimento de irrealidade, como se a tivessem

abandonado num país desconhecido, onde não compreendia a linguagem nem as regras que ditavam a conduta dos habitantes.

Os movimentos dele no mamilo da cortesã tornaram-se mais sedutores e irresistíveis e o seu embaraço cresceu. Afastou-lhe a mão, puxou a cadeira para trás e levantou-se. Como suspeitara, encontrava-se na presença de um cavalheiro que recuou de imediato alguns passos, proporcionando-lhe espaço onde se recompor.

Desde que ele entrara na biblioteca que o jogo estava viciado. Provavelmente, considerava-a uma prostituta ou pior – embora fosse demasiado inexperiente para saber se *havia* algo pior do que uma prostituta. Inúmeros e horríveis cenários passaram-lhe pela mente. No pior via-se a cruzar-se com o intruso, no dia seguinte, quando estivesse na companhia do conde.

A catástrofe parecia-lhe iminente.

Precisava de encontrar uma explicação plausível para a sua presença ali e em seguida afastar-se com desenvoltura.

– Interpretou mal as minhas intenções. Escolhi esse livro porque pensava que continha reproduções de Rembrandt. O que descobri inadvertidamente surpreendeu-me, garanto.

– Claro – anuiu ele com um sorriso irónico. – Bem vi como estava *surpreendida* a ponto de examiná-lo durante dez ou quinze minutos.

– Não é verdade! – defendeu-se, consciente de que não admitiria a verdade nem que fosse arrastada por cavalos selvagens. – Fiquei simplesmente... perplexa! Aliás, ia voltar a colocá-lo no lugar quando o senhor apareceu.

Ele observou-a com um ar divertido, nada convencido. Após uma longa pausa, replicou delicadamente:

– Vontade lhe seja feita, *milady*. Mas, para a eventualidade de sentir curiosidade, o Edward possui uma vasta coleção de ilustrações eróticas. Teria muito gosto em dar-lhas a conhecer.

Olivia foi invadida por vários pensamentos inquietantes. Antes do mais, Edward era sem dúvida o conde de Salisbury,

o seu potencial noivo, o que significava que aquele patife o conhecia o suficiente para se lhe referir pelo primeiro nome.

Em segundo lugar, o que devia concluir do facto de um homem com quem ia casar ser dono de uma coleção daquele género? Porquê? O que predizia?

As implicações da descoberta aterrorizavam-na e, ao percorrer com o olhar as extensas prateleiras da biblioteca do conde, sentiu um nó no estômago. A chama da vela iluminou centenas de livros, talvez milhares, amontoados em filas desde o chão ao teto.

Que segredos ocultava aquela quantidade livresca coberta de pó? Que tipo de pessoa se interessava por aquele género de leitura? Que conclusão deveria tirar sobre a sua moralidade?

Os vários títulos pareciam inocentes, tal como o do livro que escolhera, que se apresentava no meio dos outros e partira do princípio de que se tratava de qualquer obra monótona capaz de ajudá-la a pegar rapidamente no sono.

Bom, agora seria incapaz de adormecer depois de ter feito aquela descoberta!

– Não me sinto minimamente *curiosa* – mentiu. – Aliás, não preciso de mais nenhum livro. Vou deitar-me. Se me der licença...

Esboçou um movimento na direção da porta, mas, infelizmente, o espaço entre a mesa e a parede era reduzido e teria de passar junto ao indivíduo. A sua atrapalhão pareceu diverti-lo e não se mexeu.

Sentiu que a olhava como que desafiando-a a fitá-lo, mas não o fez. Reuniu todas as forças e avançou com um passo decidido, porém, quando ia a esgueirar-se, ele agarrou-lhe o pulso. Não se tratava de um gesto ameaçador, mas inesperado, íntimo. Olivia estacou.

Encontravam-se lado a lado. Os braços, ancas, coxas, os pés de ambos tocaram-se e os dedos que lhe prendiam o pulso eram quentes, eletrizantes. Ela estremeceu.